

*PAULINE ALPHEN*

CRÔNICAS DE SALICANDA — LIVRO 1

# Os gêmeos

Tradução:

DOROTHÉE DE BRUCHARD,  
COM A COLABORAÇÃO DA AUTORA

---

Copyright © 2009 by Hachette Livre

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Ouvrage publié avec le soutien du Centre National du Livre — Ministère Français Chargé de la Culture*

*Obra publicada com o apoio do Centro Nacional do Livro — Ministério Francês da Cultura*

Título original  
*Les Éveilleurs*

Capa

Preparação  
*Lúcia Leal Ferreira*

Revisão  
*Isabel Jorge Cury*  
*Marise Leal*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Alphen, Pauline

Os gêmeos : crônicas de salicanda, livro 1 / Pauline Alphen ; tradução Dorothée de Bruchard, com a colaboração da autora. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Les éveilleurs.

ISBN 978-85-359-2007-9

1. Literatura juvenil I. Título.

11-12463

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

## Parte I: O castelo

1. Aventuras nunca acontecem com as meninas .....	9
2. Andorinhas não usam espada .....	28
3. A dúvida de Athena .....	44
4. A Feira dos Três Vales .....	65
5. O Aleph .....	80
6. Jogar fora as coisas inúteis .....	91
7. Uma família .....	102
8. Algumas explicações .....	116
9. Sonhos e poemas .....	128
10. Os Borges no castelo .....	139

## Parte II: A Granja da Marmota

11. A partida .....	159
12. Uma vida nova .....	177
13. Na estrada .....	193
14. Escultores de nuvens .....	202

15. A escolha do escaravelho .....	212
16. O fio de Ariadne.....	216
17. Falcão Branco.....	227
18. Em Âmbar-Velho .....	238
19. Os Borges são uns Jedi.....	252
20. A tatuagem de Ugh.....	268
21. A ira de Claris.....	274
22. Orpheus.....	289

### Parte III: Retorno ao castelo

23. A vindima.....	299
24. O presente do Duque .....	312
25. O Povo das Árvores .....	320
26. Primeira etapa.....	325
27. Segunda etapa.....	331
28. Presos na armadilha .....	341
29. Sierra .....	350
Cronologia dos Tempos de Antes.....	363
Personagens por ordem de aparição .....	366

# PARTE I

## O castelo

*O Verdadeiro Leitor escreve o livro enquanto lê.*

*O Verdadeiro Leitor é, ao mesmo tempo, o autor,  
as personagens e a história.*

*O Verdadeiro Leitor é o livro.*

*A Guilda está errada.*

*O Verdadeiro Leitor não é aquele que entende o que o autor quis dizer.*

*O Verdadeiro Leitor é aquele que, enquanto lê, reinventa o livro.*

*E se aquilo que lê é diferente do que o autor escreveu, então o autor terá  
ganhado sua aposta, terá cumprido sua tarefa.*

*O Verdadeiro Leitor corre todos os riscos.*

*O risco de saber o que as personagens não sabem.*

*O de não saber o que sabem as personagens.*

*O de entender algo diferente do que o autor pretendia.*

*O Verdadeiro Leitor não está nem aí, ele viaja...*

*Cadernos de Sierra, excertos,*

*in Arquivos apócrifos da Guilda dos Nômades da Escrita*

# 1

## Aventuras nunca acontecem com as meninas

### ACREDITAR

“Aventuras nunca acontecem com as meninas”, pensava Claris, com raiva. “Nunca!”, repetiu para si mesma, evitando por pouco a ponta embotada da arma, que passou raspando seu ombro. Seu adversário não estava facilitando. Claro, os meninos são mais fortes. Era a realidade, era inegável, era irritante.

Dirigiu o florete à frente com energia, mas o menino se esquivou. No embalo, Claris caiu rolando no tapete de exercícios, sob as risadas dos demais alunos e do mestre de armas.

— Boa tentativa, mas...

Ugh estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Ele transpirava por trás da máscara, e o cabelo ruivo estava grudado na cabeça, revelando os olhos cor de avelã, sempre com uma expressão de espanto. Espanto com a própria força, com o corpo desengonçado, com o olhar transparente de Claris, que penetrava em seu coração com muito mais precisão que a espada.

— Mas o quê? — desafiou a menina, ignorando a mão estendida.

— Você estava desconcentrada, acho... — balbuciou Ugh, atrapalhado com seu tom agressivo.

Claris abria a boca para retrucar quando Dag, o mestre de armas, interveio secamente:

— Ele está certo, Claris. Não dá para esgrimir e pensar em outra coisa ao mesmo tempo. Você não tentou realmente vencer o Ugh. Sua mente estava vagueando ao longe, nos livros, sem dúvida. Você me lembra a sua mãe.

— Não fale na minha mãe! Eu não sou a minha mãe!

Claris mordeu os lábios, ia sem dúvida ser mais uma vez repreendida por insolência... Mas Dag percebera a angústia na voz da menina e se arrependeu pela comparação infeliz. Acrescentou, num tom mais ameno:

— A força não é tudo, e você é ágil e ligeira. Muitas vezes um defeito

esconde uma qualidade. Basta acreditar! Mas isso ninguém pode fazer por você. E agora, cumprimentem os adversários, a aula acabou.

Acreditar? Claris tirou a máscara e o plastrão, jogou-os dentro dos cestos e enfiou o florete no cabide, enquanto tentava recobrar o fôlego entrecortado pela raiva.

Acreditar? Quando todos os livros, todas as canções proclamavam: os heróis são sempre homens, ou, quando muito, meninos, cujo implacável destino era se tornarem homens. Fez uma careta: não tinha a menor vontade de ser um menino. Só queria fazer algumas dessas coisas injustamente reservadas aos meninos. Acreditar, pfff!

Ela simplesmente não tinha força para dominar uma espada. Já havia experimentado todas as que decoravam a sala de armas do pai, mas não conseguia usar nenhuma por mais de cinco minutos sem perder o fôlego. Dag afirmava que as armas não foram concebidas para as mulheres. Mas, então, Claris teve uma grande ideia. “Oh! É tão simples!”

Inspirou profundamente, saboreando sua descoberta e o cheiro ácido da sala de armas, uma mescla de suor, óleo para couro e serragem. A raiva sumira, e ela se foi com passos saltitantes.

## UMA TORRE QUE NÃO É UMA TORRE

“Claris não é um menino, ela vai ter que acabar se conformando”, pensou seu pai, que a observava da cúpula da Torre dos Livros, quando a viu surgir numa sacada, enveredar por uma passarela bamba e desaparecer atrás de mais uma sacada.

A longa silhueta de Eben, conhecido como Duque, era emoldurada pelo vão da janela da torre. O reflexo dos inúmeros vitrais inusitados nas paredes côncavas coloria seu traje invariavelmente escuro. Aquela era a vista mais bonita do castelo, com a franja sinuosa da Floresta de Salicanda rodeando o planalto e, em torno, as montanhas que erguiam sua massa lascada, encerrando o pequeno vale num cofre sombrio.

Quando o tempo estava claro, avistava-se, qual um grande rasgo branco, a Geleira do Unicórnio. Mas não naquele dia. Desde os últimos decêndios e lunações, o tempo estava maçante e nevoento. Estavam, tecnicamente, no início do Tempo Verde, outrora chamado primavera... O Duque suspirou. Verde, Salicanda era mesmo. As chuvas finas e incessantes haviam encharcado o vale, e o sol não passava de uma lembrança chumbada por camadas e camadas de nuvens, sombras sobre sombras.

Da Torre dos Livros, o Duque vislumbrava somente o pátio do caste-

lo, as dependências e parte do parque açoitado por véus de névoa opaca. O castelo não era realmente um castelo, e a torre não era realmente uma torre. “E eu não sou realmente um Duque...” Era antes uma ampla construção flanqueada por um antigo farol, ruína anacrônica de um tempo passado, quando o mar encobria o relevo.

O mar! Difícil imaginar que aqueles cumes imóveis tinham um dia mergulhado suas raízes na espuma que remoinhava. A prova, no entanto, estava ali: o oceano havia recuado mas o farol permanecera. Hoje se erguia feito um mastro no centro do castelo. As fendas tinham sido tapadas, as pedras, aparelhadas, e fora construída uma inverossímil escada em caracol. As paredes circulares do farol eram agora forradas por centenas de livros.

A leitura, atividade aparentemente passiva, era assim precedida de um considerável esforço físico, pois para procurar uma obra era preciso subir e descer constantemente os degraus. A escada dava sete voltas sobre si mesma, passando por salas trancadas até dar, enfim, no vasto cômodo onde Eben se encontrava. Ali, como numa nave, uma fileira de claraboias vertia a luz cinzenta daquela manhã chuvosa. O papel e o couro revestiam o farol com ideias e palavras, isolando-o como se ainda estivesse fincado em pleno mar.

Os pensamentos do Duque vagaram sem rumo por alguns instantes e voltaram a se fixar na lembrança de sua mulher, como um ioiô volta a se aninhar na mão de quem o lançou. Sierra passava todo o seu tempo livre no antigo farol, devorando um livro atrás do outro, se embebendo de poemas, se alimentando de ideias. Quando ela desapareceu, Eben, que não era afeito a atividades ao ar livre, pusera-se a frequentar o farol-biblioteca porque tudo, naquele lugar, lhe falava de Sierra. Ao longo dos anos fora, também ele, se tornando cativo do silencioso murmúrio dos livros.

O Duque observou quando Claris atravessou o pátio, correndo sob o aguaceiro, se esquivando e rindo de Chandra, a ama, que tentava detê-la, e desapareceu nas dependências do castelo. Não, ela não era um menino. Já o menino não esgrimia, não montava os cavalos às escondidas. O coração do Duque se apertou ao pensar no filho. “Diz Claris que as enxaquecas de Jad voltaram, mais fortes. Por que isso agora? Depois de tanto tempo...”

Eben estalou os dedos um a um, num gesto que lhe era familiar, como se pudesse, com isso, desfazer os nós que entravavam a meada de sua vida. “Blaise vê nisso um sinal, e tem me pressionado para revelar o passado dos gêmeos. Sinal de quê? Nem ele sabe!” O Mandarin afirmava que de tanto querer proteger os filhos acabava-se por colocá-los em perigo, mas a Eben repugnava expor suas crianças às amargas lembranças da Grande Catástrofe. A visão de centenas de adolescentes desabando, um atrás do outro,



feito dominós, passou em câmera lenta na tela de sua memória, e ele se retesou.

Um raio de sol fugidio veio lambe-lhe a mão, iluminando os pergaminhos enfileirados nas prateleiras. O Duque passou os dedos abertos nos cabelos pretos, arrepiando-os mais um pouco, e voltou para seu manuscrito. Os livros sempre o consolavam.

## INVERSOS E IDÊNTICOS

Clarís entrou feito uma flecha na estufa onde sabia que iria encontrar o irmão. Deteve-se ao avistá-lo no final do estreito corredor atulhado de plantas. Prostrado numa velha poltrona, cabeça inclinada para trás, olhos fechados, ele massageava a testa entre as sobranceiras. Jad nunca se queixava ou demonstrava dor, a crise devia estar aguda. A menina saiu de mansinho e tornou a entrar tomando o cuidado de bater a porta.

— Jad! Sem concordou! Você está aí?

— Aqui no fundo, com os bonsais!

O menino se levantara e, com um barbante de cânhamo, prendia uma minúscula cerejeira numa rocha de formas tortuosas. Fascinada, Clarís observava os gestos do irmão, ao mesmo tempo suaves e precisos. “Mais um bonsai que vai parar no quarto dele.”

Os aposentos de Jad estavam tomados por dezenas de árvores anãs. A presença impassível dos bonsais reinava nos dois pequenos cômodos e até no banheiro. O menino passava muito tempo na companhia deles. Observava, cuidava, podava, enxertava, esculpindo assim uma esplêndida e frágil floresta que exigia cuidados constantes. “Igualzinha a ele.”

— Clarís! Você está molhando tudo!

Enquanto tirava a capa encharcada e as botinas de couro macio, Clarís examinava o irmão de soslaio. Jad tinha se recomposto, em seus olhos brilhava uma vontade obstinada, mas ela conhecia bem demais aquele aperto no canto dos lábios, a rigidez na nuca, as olheiras sublinhando os olhos já tão escuros.

— Está vendo — explicou o menino —, as raízes aos poucos vão abraçando a rocha, até que se tornem uma coisa só. Se tudo der certo, no próximo Tempo Verde a árvore vai dar folhas douradas em forma de coração. Mas tem que ficar de olho, conter sem sufocar.

Seu irmão sorriu para ela, e uma mescla de alegria e tristeza apertou a garganta de Clarís. Encostou a testa na dele, repetindo o gesto de seus

jogos telepáticos, mas Jad protegera a mente, e Claris só roçou uma pele levemente úmida.

Jad era tão loiro quanto Claris era morena, seus olhos eram de um preto tão profundo quanto os da irmã eram claros, quase transparentes. Eles tinham, contudo, as mesmas feições, as mesmas expressões, o mesmo sorriso: os traços delicados de sua mãe, cujo holograma pendia numa corrente no pescoço do Duque. Era como o capricho de um pintor que, satisfeito com as formas, mas indeciso quanto às cores, resolvesse não fazer escolhas e manter, ao invertê-las, todas as opções.

“Inversos e idênticos”, pensou Claris. Não fosse aquela pequena lesão no coração do irmão. Um hiato, um suspiro do músculo, uma hesitação do ventrículo direito, que o proibia de correr, de montar a cavalo, que o retinha dentro dos muros. “E agora, ainda por cima, aparecem essas enxaquecas.”

Ela se virou, fingindo se interessar por uma fileira de cactos, a fim de esconder as lágrimas que lhe brotavam nos olhos.

— Então, o que houve com o Sem? — inquiriu Jad, ainda ocupado com a cerejeira.

— Bem... ele concordou — respondeu Claris com voz embargada.

Ela deu uma tossidinha e retomou, em tom mais animado:

— Diz o Dag que as espadas não foram feitas para as mulheres. Então pensei que era só fazer uma! Conversei com o Sem, e ele vai fabricar uma espada mais leve para mim. Ele prometeu.

Como Jad olhasse para a irmã com certo ceticismo, ela esclareceu:

— Você conhece o Sem, não foi exatamente assim que ele falou.

Jad abriu um largo sorriso.

— Você quer dizer que ele resmungou vagamente.

— Mas também não disse não!

O menino acabava de prender o tronco e as compridas raízes da cerejeira na rocha. Recolocou tudo no vaso e cobriu as raízes com húmus e musgo.

— E o Duque, o que diz?

— Bem — gaguejou Claris —, ainda não falei com ele.

Ela mudou de assunto.

— Por que está tapando as raízes? Não são justamente o que a gente precisa ver?

— É, só que mais tarde. Primeiro, as raízes precisam crescer abraçando a rocha. Se eu as deixasse agora ao ar livre, elas iam secar. A arte do bonsai é uma arte da paciência, maninha. Talvez por isso não lhe interesse!

— Na verdade, até acho fascinante. Só que, não sei... é incerto demais.

A maioria das árvores morre sem a gente saber por quê. Além disso, você sabe o que eu acho dessas torturas que você inflige a elas.

Aquela era uma discussão antiga. Segundo Claris, Jad fazia com as árvores o que os antigos chineses faziam com os pés de suas mulheres. Tinha visto umas gravuras num livro antigo da torre e iniciara uma veemente campanha contra os bonsais. Jad não estava com a menor vontade de retomar aquela discussão. Enxugou as mãos no avental e foi ter com ela junto aos cactos.

— Quer dizer que você acabou convencendo o urso do Sem? Como fez isso? — perguntou em tom conciliador.

— Hã... Eu não fiz nada.

Jad ergueu-lhe o queixo de modo que ela o olhasse de frente. Negro sobre azul, profundidade e transparência, os dois olhares se chocaram por um momento e então se reconheceram e se fundiram, reencontrando o caminho seguro de sua gemelaridade.

— Nada? — perguntou o menino em tom malicioso.

— Tudo bem... Eu chorei. Quer dizer, na frente do Sem — resmungou Claris.

— Você, Claris de Salicanda, chorou? Recorreu a esse truque de menina? Não tem vergonha?

Jad estava se divertindo.

— E daí? Afinal, ser menina tem que servir para alguma coisa! — afirmou sua gêmea com perfeita má-fé.

Um relógio soou, desafiando um canto de pássaro. Era uma invenção de Blaise, o preceptor dos dois, visando atizar neles algum interesse por ornitologia: em vez de bater como um relógio comum, badalava cantos de pássaros. Pica-pau às oito horas, canário às nove etc.

— O rouxinol, já! Vou me atrasar — exclamou Claris, apanhando a capa e as botinas.

— Mas a gente não tem aula antes do almoço — espantou-se Jad.

— Blaise pediu para falar comigo na sala de estudos. Parece que, depois que comecei as aulas de esgrima, minhas notas baixaram um pouquinho.

O irmão caiu na gargalhada.

— Você quer dizer que, depois que puseram um florete na sua mão, não está estudando mais coisa nenhuma! Está totalmente obcecada por espadas, arcos e histórias de cavalaria. Aposto que até dormindo você fala em dragões e torneios...

— Ora, enquanto eu não me meter a salvar donzelas aflitas... — brincou Claris. — Bem, vou encarar essa batalha... Até mais!